



Animais de

# Companhia

Edição 4 - dezembro de 2008

[www.animaisdecompanhia.com.br](http://www.animaisdecompanhia.com.br)

## **Hora de viajar**

**O que fazer para levar  
(ou deixar) seu animal**

Distribuição gratuita. Venda proibida.

**Nutrição**

**Ração à vontade  
ou em porções?**

**Saiba mais sobre**

**Leishmaniose  
Visceral Canina**

XI Semana Acadêmica de Medicina  
Veterinária da Universidade de Brasília  
De 11 a 16 de maio 2009



Cursos e palestras das áreas de:

- Pequenos animais;
- Animais de produção;
- Equinos;
- Animais silvestres.

[www.sevetunb.com](http://www.sevetunb.com)

Informações: (61) 9269. 6836 - Eliana / (61) 9966. 7886 - Tiago  
Realização: XIX e XX turmas de veterinária da UnB

# EXPEDIENTE

**Animais de Companhia** é uma publicação trimestral da Editora Moinho.

**Número 4** dezembro de 2008

**Tiragem:** 5 mil exemplares

## Editora

Stella Alves da Fonseca

## Jornalista Responsável

Bruno Laganà (3510/DF)

## Colaboradores nesta edição

André Luis Soares da Fonseca

Christine Souza Martins

Denise Salgado

Giovana Mazzotti

Leandro Zaine

Marcela Cabral de Brito Mendes

Mário Sérgio Almeida Falcão

Péricles Norimitsu Teixeira Massunaga

Vanner Boere

Vera Lucia Fonseca Camargo-Neves

Waneska Alexandra Alves

## Foto da capa

Katy Wynn

## Sugestões e críticas

[editoria@animaisdecompanhia.com.br](mailto:editoria@animaisdecompanhia.com.br)

## Assinaturas

[contato@animaisdecompanhia.com.br](mailto:contato@animaisdecompanhia.com.br)

## Comercial - Daiana Brito

(61) 9253-5217

[daiana@animaisdecompanhia.com.br](mailto:daiana@animaisdecompanhia.com.br)

*Opiniões emitidas nos artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, o pensamento dos editores.*

Distribuição Gratuita

# SUMÁRIO

## COMPORTAMENTO

Por que cães e gatos brincam? 2

## SAÚDE E CUIDADOS

Otite 4

## CAMA DE GATO

Banho de gato 7

## ESPECIAL

Saindo de férias 10

## NUTRIÇÃO

À vontade ou em porções? 18

## ZOONOSES

Leishmaniose visceral 22

## REPRODUÇÃO

Parto distócico em cadelas 29

## CLASSIFICADOS

Canis, gatis, adestradores e outros serviços para seu animal 32

# Por que cães e gatos brincam?

**Vanner Boere**

*M.V. Doutor em Neurociências e Comportamento  
Professor da Universidade de Brasília*

Por que eles se divertem, não é mesmo? É, parece claro para todos nós, mas não para os cientistas que estudam o comportamento dos animais (os etólogos). Brincar gasta muita energia, é arriscado, pode causar ferimentos e parece uma coisa boba, sem sentido. Nós rimos, às vezes, de ver como os nossos animais brincam com besteiras, se surpreendem com coisas tão óbvias.

As primeiras teorias sobre o brincar são do final do século XIX, mas até hoje não se sabe exatamente porque os animais brincam. Não se sabe a origem, o desenvolvimento e a função do brincar. Há um consenso que os animais com maior desenvolvimento cerebral brincam mais e que brincar é fundamental para seu desenvolvimento psicomotor. Mas por que os adultos brincam? Mas por que os cães que possuem um cérebro menor e menos complexo do que os lobos brincam mais?

Há uma dúzia de teorias sobre o brincar, mas nenhuma delas é abrangente o suficiente para explicar por que os animais brincam. As brincadeiras podem ser solitárias ou sociais; podem ser com objetos, com o próprio corpo ou com par-



Erikkam | Dreamstime.com

ceiros. As brincadeiras sociais podem ser realizadas com animais da mesma espécie ou de espécies diferentes. É comum se observar gatos brincando com cães ou cães e gatos brincando com pessoas.

Uma das teorias mais recentes afirma que as brincadeiras sociais servem para o conhecimento de “regras de limite”, ou seja, que os animais jovens e adultos brincam para testar os limites sociais de comportamentos que, em outro contexto, poderiam acarretar agressão, reprodução ou patologia. Por exemplo, filhotes que crescem junto a animais adultos, aprenderiam nas brincadeiras a intensidade de um ataque, de uma mordida, em que parte do corpo morder, quem e como morder, para aprender, dentro daquele grupo, os limites sociais. A idéia é defendida por um famoso etologista cha-



mado Marc Bekoff, que desafia o senso comum da falta de uma moralidade entre animais. Bekoff afirma que essas regras de limites aprendidas, poderiam levar a um “código de conduta” tácito de um grupo de animais – uma moral, por assim dizer. A teoria é atraente e faz algum sentido, embora precise ser testada na prática, uma tarefa difícil. Mas, se ela for verdadeira, pode-se tirar boa lição na convivência entre humanos e animais de estimação.

Freqüentemente, somos atraídos ou atraímos nossos pets para brincar. Permitimos vários tipos de contato, mordidas, arranhões, rosnados e silvados. Essa interação é muito prazerosa para nós e para nossos pets. No entanto, pode se tornar desagradável e preocupante quan-

Ron Chappel Studios | Dreamstime.com



do as crianças em casa, ou nós mesmos, somos feridos, ou mesmo quando há algum prejuízo material, como a destruição de um objeto de alto valor. A brincadeira pode ter um crescendo e se tornar agressiva e arriscada. Nessas circunstâncias, de acordo com a teoria das regras de limite, o cão ou o gato está apenas testando os limites do dono ou do ambiente, em forma de brincadeiras.

Antes ou quando isso acontece, somos instruídos a admoestar nossos animais com firmeza. A dolorosa ou cara oportunidade de brincadeiras desastradas nos permite estabelecer nada mais nada menos do que os limites com que nossos animais podem brincar, podem servir-se do mundo e de nós mesmo.



Proporcione este prazer  
ao seu bichinho de estimação!

Criamos, desenvolvemos e  
confeccionamos acessórios para pets.

Temos uma grande variedade de  
modelos, tamanhos e cores.

São produtos antialérgicos e  
desenvolvidos por Médico Veterinário.



(14) 3296 2314 • (14) 3917 5300

[www.mascotesefricotes.com.br](http://www.mascotesefricotes.com.br) • [www.mascotes-fricotes.blogspot.com](http://www.mascotes-fricotes.blogspot.com)

# Otite

**Marcela Cabral de Brito Mendes**

*M.V. Residente em Clínica Médica  
Hospital Veterinário da Universidade de Brasília*

Muitos animais, especialmente os cães, são levados ao médico veterinário devido a coceira intensa nas orelhas e balançar excessivo de cabeça. Por vezes, as queixas dos proprietários são referentes também a odor desagradável e secreção nos condutos auditivos. Esse conjunto de alterações é compatível com um quadro de otite.

A otite é uma inflamação e infecção das orelhas, podendo ser dividida em externa, média e interna. A **otite externa** se refere ao acometimento do pavilhão auricular e meato auditivo. Quando ocorre inflamação da cavidade e membrana timpânica, a denominação **otite média** é utilizada. Caso o comprometimento ótico seja interno à membrana timpânica, denomina-se de **otite interna**.

Algumas doenças alérgicas com manifestação cutânea, como hipersensibilidade alimentar e atopia (provocada por alérgenos inalados ou via transcutânea), podem estar associadas à otite como causadores primários da mesma, bem como corpos estranhos, distúrbios de queratinização e parasitas (sarna demodéica, sarna otodéica e carrapatos). Existem algumas causas que predis põem o animal a desenvolver otite, dentre elas a umidade excessiva em cães com hábitos aquáticos, ou que não são devidamente secados após o banho; o estreitamento do conduto auditivo, seja ele decorrente de trauma ou presença de pólipos; conformação estenótica do canal; e distúrbios sistêmicos (depressão imunológica). Alguns fatores são tidos como perpetuantes

## Otogen

Tratamento eficaz e econômico das otites



- ✓ Tratamento completo
- ✓ Ampla espectro de ação
- ✓ Veículo gel aderente



**oufino**  
bem estar animal



## Limp & Trat

Solução anti-séptica suave para higiene do ouvido.

Preventivo de otites.

da infecção das orelhas, como as alterações secundárias a uma otite e infecções bacterianas e fúngicas. Cães de orelhas longas e caídas, tais como cocker spaniel, basset hound e labrador retriever, e com muitos pêlos no conduto auditivo, como poodles e lhasa apso, são os mais afetados.

Os sinais clínicos mais frequentes na otite externa são coceira intensa, secreção auricular, odor fétido, balançar de cabeça e dor à manipulação das orelhas. A coloração e o aspecto da secreção podem indicar infecção por determinados agentes, sendo observada secreção purulenta freqüentemente em infecções bacterianas Gram-negativas (*Pseudomonas* e *Proteus spp.*) e marrom ou preta em otites causadas por fungos, sarnas e algumas bactérias (*Staphylococcus* e *Streptococcus spp.*). Na otite média ou interna, o animal normalmente é apresentado com histórico de otite externa crônica e pode, ainda, ser observado sinal de doença vestibular (cabeça pendente para o lado da lesão), paralisia de nervo facial, síndrome de Horner e redução ou ausência de audição.

A melhor forma de diagnosticar a otite em um animal é através do relato do proprietário sobre as alterações em suas orelhas. Além disso, sinais clínicos compatíveis com a afecção tornam o diagnóstico bastante claro. No entanto, a maior dificuldade consiste na identificação da causa primária da otite. Inicialmente, deve-se realizar otoscopia para ob-

servar o grau de lesão da otite, definindo também se ela é externa, média ou interna. Com auxílio do otoscópio, é possível identificar pólipos, corpos estranhos, parasitas (*Otodectes cynotis* e carrapatos), excesso de pêlos no conduto auditivo, bem como estreitamento, integridade da membrana timpânica e outros. Alguns animais, no entanto, podem sentir bastante dor e incômodo à manipulação das orelhas, sendo necessário tranquilização ou anestesia, dependendo do paciente, para melhorar a visualização do canal.

Quando existe histórico de otites crônicas, que foram tratadas diversas vezes, uma cultura das secreções das orelhas é fundamental para a identificação de uma terapia sensível ao microorganismo. Apesar de não representar um indicador sensível para detecção de otite média, o uso da radiografia para observação da bula timpânica pode ser considerado para detecção de espessamento e opacificação da mesma em casos mais avançados.

O tratamento da otite deve ser direcionado não só para as orelhas acometidas, mas principalmente devem ser retirados, quando possível, os fatores predisponentes e as causas de base. Recomenda-se tratar a hipersensibilidade alimentar com dietas manipuladas, a atopia, por vezes, com corticóides, e sarnas e carrapatos com parasiticidas. Após a remoção da causa primária da otite, inicia-se o tratamento específico das orelhas. Para que as me-



dicações prescritas, sejam elas antibióticos, antimicóticos ou antiinflamatórios, apresentem a ação desejada, é necessário que se proceda a limpeza das orelhas antes de cada aplicação. Nas otites externas, o uso de produtos ceruminolíticos ou soluções manipuladas de limpeza otológica é recomendado, podendo ser instilados até completo preenchimento dos condutos auditivos com o produto. Posteriormente, procede-se a secagem da face externa das orelhas com algodão ou gaze, lembrando sempre que não se deve usar cotonetes dentro do canal para evitar que as secreções e células maceradas sejam empurradas e atrapalhem o tratamento.

A maior parte das medicações otológicas no mercado possuem combinações para tratamento de bactérias e fungos, além de antiinflamatórios esteroidais. Dessa forma, trata-se a infecção e se reduz dor, inflamação e coceira nas orelhas. A terapia medicamentosa tópica deve ser realizada, na maioria dos casos, por 21 dias, duas vezes ao dia, para evitar que as secreções se acumulem de um dia para o outro. Alguns animais necessitam de lavagem otológica através de sedação, para remover de forma mais eficiente secreções, restos celulares e corpos estranhos. Em infecções mais severas, dor intensa e comprometimento médio ou interno das orelhas, pode-se realizar medicações orais, como antibióticos e corticóides. Nas otites média e interna, o uso de medicamentos otológicos para serem instilados em casos com ruptura de membrana timpânica é controverso.

Casos crônicos de otite externa, quando a terapia médica não apresenta resultado, ou ocorre desordem proliferativa, ou, ainda, em estenoses, podem requerer tratamento cirúrgico específico.

Um dos fatores que mais prejudicam o tratamento das otites é a complacência do proprietário. Uso de medicamentos por período menor do que o recomendado, com frequência reduzida, utilização de terapias tópicas sem limpeza otológica prévia, abandono do tratamento e uso indiscriminado de medicações são as principais causas de otites recorrentes. Cabe ao médico veterinário instruir o proprietário sobre os riscos e complicações decorrentes de um distúrbio que inicialmente é simples e de fácil tratamento.

---

“Os sinais clínicos mais frequentes na otite externa são coceira intensa, secreção auricular, odor fétido, balançar de cabeça e dor à manipulação das orelhas.”

---





# Banho de gato

**Giovana Mazzotti**

*M.V. Mestre em Biologia Animal*

*Hospital Veterinário da Universidade de Brasília*

Uma dúvida freqüente entre os proprietários é se gatos devem ou não tomar banho. Não há uma resposta única, cada caso deve ser avaliado individualmente.

Em geral, eles não necessitam de banhos, pois têm hábitos higiênicos bastante elaborados. Diariamente, limpam as garras e os pêlos do corpo através de lambeduras, mordiscadas e fricção com as “mãos”.

Gatos de pêlos longos e abundantes, como os persas, são incapazes de realizar uma higienização adequada. Esses, além dos banhos, podem necessitar de tosa. Há os casos de banhos terapêuticos, em que os xampus contêm fármacos em suas composições para o tratamento de doenças dermatológicas. Esses produtos especiais serão prescritos pelo veterinário, bem como a freqüência de utilização. Assim, discutiremos apenas sobre banhos de higienização.

A pele e pêlos refletem a saúde interna do animal. Animais saudáveis naturalmente têm pêlos belos, mas é preciso cuidados para mantê-los livres de sujeiras, pêlos mortos e nós.

Nos gatos, os banhos de higiene devem ser o menos freqüente possível. O ideal seria um banho a cada trinta dias, entretanto, pentear e escovar deve ser um exercício diário. Além de manter o gatinho com os pêlos desembaraçados,

escová-lo funciona como uma “massagem”, estimula a liberação de hormônios que provocam bem-estar e a circulação sanguínea, proporcionando pêlos mais saudáveis.

Gatos de pêlos curtos, principalmente os que vivem em apartamento, podem ser privados dos banhos, mas os cuidados de higiene permanecem. Devemos escová-los diariamente, utilizando escovas apropriadas de cerdas curtas.

Se habituarmos o animal a ser escovado desde pequeno, esse será um momento de prazer, de convívio e carinho... Um bom momento para você observá-lo de perto, inspecionar se não há nada de anormal em seu corpo (nódulos, feridas, locais doloridos etc.).

Gatos de pêlos longos ou que se sujaram por algum motivo podem necessitar de banhos esporádicos e essa não deverá se tornar uma experiência traumática. Existem gatos que adoram banho, mas são a minoria.

Para um banho ideal, algumas regras devem ser seguidas.

Se for realizado em pet shop, dê preferência àquelas que reservam um dia somente para atender gatos, pois a presença de cães em gaiolas vizinhas vai deixá-lo desconfortável.

Antes do banho, o gato deve ser muito bem escovado. Para os gatos de pê-

los longos ou semilongos, utilizamos um pente apropriado para desfazer cuidadosamente os nós. Proprietários habilidosos podem se valer dos pentes com lâminas que cortam esses nós, entretanto, se usado incorretamente, esse instrumento pode causar ferimentos.

Após retirar os nós, escovamos com uma rasqueadeira de cerdas longas e macias. O ideal é escovar também contra o sentido de crescimento dos pêlos, pois é mais eficaz para retirar os pêlos mortos. Essa tarefa é demorada e deve ser realizada com paciência e cuidado para não estressar o gatinho. Recomenda-se escovar por no mínimo 10 minutos!

Podemos aproveitar a ocasião para realisar o corte das pontas das unhas com tesoura ou alicate específico para gatos.

Também devemos inspecionar as orelhas. Para a limpeza, preenchemos os condutos auditivos com solução ceruminolítica, massageamos a base e retiramos

o excesso com algodão. Não utilize pinças ou hastes flexíveis com pontas de algodão para a limpeza interna, pois a sujeira pode penetrar ainda mais e ferir o conduto. Esses instrumentos podem ser utilizados delicadamente para a limpeza da parte externa do pavilhão auricular e suas dobras. Depois de limpos, coloque algodão limpo nas orelhas do animal para diminuir o som da máquina de tosa e evitar que entre água durante o banho.

Toda tosa deverá ser realizada antes do banho, sendo que a máquina adequada é silenciosa e leve. A máquina será ligada distante do gato e, enquanto o acariciamos, lentamente a aproximamos para o corte. Cuidado com a temperatura da lâmina, que esquenta com o uso. Existem produtos próprios para resfriá-las e não causar queimaduras. Por questão de higiene, tosamos a região ao redor do ânus, vagina/pênis e os pêlos entre os coxins ("almofadas" das patas).



*Casa do Gato*

A 1ª clínica veterinária  
exclusiva para gatos  
do Distrito Federal



Clínica Veterinária e Hospedagem

SCLN 105 Bloco A Loja 42 (fundos) - Asa Norte

(61) 3965-4090

[www.casadogato.com](http://www.casadogato.com)



O banho deve ser realizado com água morna, em ambiente livre de correntes de ar. Utilizar uma pequena ducha facilita o trabalho. Utilizar uma grade mantendo o gato afastado da superfície auxilia, pois a água escorre sem necessitar retirá-lo do lugar. Inicie molhando gentilmente as patas e vá subindo para o dorso lentamente – a cabeça deve ser a última parte. Converse com o gato. Utilize o xampu adequado ao tipo de pele e, se necessário, um condicionador. O ideal é utilizar produtos hipoalergênicos, com pH próximo a 6, pois a fórmula é mais suave. Nunca utilize sabão de coco, que resseca e agride a pele e os pêlos do gatinho! O enxágüe deve ser caprichado, retirando completamente os produtos. Com uma toalha grande e felpuda, seque-se muito bem o gato. Depois de seco, utilize o soprador e/ou secador na temperatura morna, nunca quente! Cuidado para não direcionar o vento para os olhos. En-

quanto secamos, o pente desembaraça os pêlos. A rasqueadeira deverá ser empregada somente quando os pêlos estiverem completamente secos e desembaraçados, apenas para dar volume.

Nunca utilize perfumes. Gatos são extremamente sensíveis aos odores e o que é cheiroso para nós é muito desagradável para eles.

Por último, todo o material deverá ser limpo e desinfetado. Para os pentes, rasqueadeiras, cortadores de unhas, banheiras e toalhas, a solução de hipoclorito de sódio diluído em água na proporção de 1:9 garante excelente assepsia. A máquina de tosa deve ter suas lâminas livres dos pêlos e mergulhadas em solução de limpeza próprias para este fim e lubrificadas.

Fim do banho! Garantindo sua saúde e beleza, sem estressá-lo muito, seu gato está pronto para receber todo o carinho que merece!



por Bruno Laganà

# Saindo de férias

## O que fazer com seu animal de estimação

As férias estão chegando e você não vê a hora de poder jogar tudo para o alto, dar aquela parada na rotina extenuante e se mandar para um resort no Nordeste ou uma viagem para o exterior, certo? Então é bom começar a pensar em todos os preparativos, passagens, hospedagem, que tipos de passeios serão feitos, que atrações pretende visitar. Mas existe um membro da família que pode ficar perdido em meio a tudo isso e acabar sendo deixado de lado: nosso animalzinho de estimação. Onde deixá-lo? Com quem? Ou será que a melhor opção é levá-lo junto para curtir a farra?

### Preparativos

Uma viagem de férias deve ser programada com certa antecedência, e não pode ser diferente com as providências em relação a nossos animais.

O primeiro passo é decidir se seu companheiro vai viajar com a família ou se vai ficar, seja com um parente ou em um hotel. Se ele não for acompanhar a família, deve-se procurar, urgentemente, um lugar decente, onde ele será bem tratado e não simplesmente deixado de lado. Se, ao contrário, resolverem levá-lo junto, são muitos os preparativos para tornar a viagem o mais agradável possível.



Ao resolver que vai viajar com seu animal de estimação, o primeiro passo diz respeito aos preparativos de toda a família. Se você vai para um lugar onde ficará hospedado em casa de parentes ou amigos, ou até se alugou uma casa de veraneio, deve se certificar de que o local é adequado para o seu bichinho ficar. O apartamento daquela sua tia que mora sozinha pode não ser o local ideal para levar um conhecido destruidor de sofás, como um cão da raça labrador. Mesmo um gato, em um ambiente como esse, pode se estressar se não puder afiar as unhas no pé do sofá que foi herança do vovô, por exemplo. Então, para não ter surpresas desagradáveis, é fundamental se certificar de que a casa alugada ou do parente em que se vai passar as férias é adequada para a permanência do seu animal.

E se, para você, o sinônimo de férias é realmente abusar do serviço de quarto e você resolver ficar em um hotel? Já verificou se o hotel almejado aceita animais de estimação? Isso é importantíssimo, já que nenhum hotel é obrigado a hospedar bichinhos, e tentar contrabandear o seu amiguinho para dentro do quarto pode dar muita dor de cabeça, além de ser ilegal.

Você pode encontrar na internet sites com listas de hotéis que aceitam animais de estimação e que dão também opções de lazer também para o seu pet. Ainda assim, é sempre bom entrar em contato com o hotel antes de fazer sua reserva. Uma dica boa é pedir aos hotéis consultados que lhe mandem as suas regras para aceitação de animais por e-mail ou fax, para que possa avaliar quais são mais

flexíveis e entender o que vai ser possível fazer com seu amiguinho.

Para viagens nacionais, é necessário comprovante de vacinação anti-rábica assinado por um médico veterinário registrado no Conselho Regional de Medicina Veterinária do local de origem do animal. A vacina é obrigatória para animais (cães e gatos) a partir de três meses e deve ter sido aplicada há mais de 30 dias e menos de um ano.

Também é importante pegar com o médico veterinário um certificado de saúde do cão ou gato. Nesse documento, devem constar raça, nome, idade, origem, pedigree (se houver), estado de saúde geral e todos os principais dados do proprietário. Se o veterinário não souber todos os termos que devem constar do certificado, é importante entrar em contato com o Vigiaagro – Sistema de Vigilância Agropecuária Internacional do Ministério da Agricultura. Há um em todos os aeroportos do país. É importante verificar a validade desse documento e se há necessidade de retirar outro documento para o retorno.

Desde 2006, cães e gatos são dispensados da famosa Guia de Trânsito Animal (GTA). Os demais animais, porém, continuam precisando cumprir com esta exigência do Ministério da Agricultura. Para retirar a GTA o proprietário deve se informar na Superintendência Federal de Agricultura de sua cidade. Para saber onde encontrar a superintendência mais próxima, entre em contato com a central de relacionamento do ministério, no telefone 0800-704-1995, diariamente, das 8 às 20 horas.

Se você possui um animal silvestre, vai





Joy Fera | Dreamstime.com

precisar ainda da autorização do Ibama, que depende de cada espécie de animal. Para mais informações, entre em contato com o órgão no telefone 0800-61-8080.

Se você vai viajar de avião, precisa ainda ver quais são as regras para transporte de animais da companhia aérea que escolher. Algumas companhias podem ter restrições quanto à idade ou porte do animal, por exemplo. Você deve entrar em contato com a companhia escolhida para se certificar quanto às regras e eventuais tarifas

Também podem haver regras quanto à caixa de transporte. Em geral, é recomendado que ela seja de fibra ou plástico rígido e tenha tamanho proporcional ao do seu bichinho, permitindo que ele possa ficar apoiado nas quatro patas sem apertado e ainda se movimentar dentro dela. Os fechos devem ser resistentes e ter um dispositivo que não permita uma abertura acidental ou provocada por agentes externos ou pelo próprio animal. O piso interno deve ser de um material que absorva urina e fezes, para que não vazem durante a viagem e mantenham o ambiente mais higiênico.

Se a viagem for internacional, mais um documento é necessário: o Certificado de Zoo Sanitário Internacional (CZI), vá-

lido por 10 dias a partir da data de emissão, que pode ser retirado na Vigiagro. Além disso, é necessário o exame de anticorpos contra a raiva – consulte seu veterinário para recolher a amostra e enviá-la para o laboratório.

É importante também, ao embarcar, falar com a equipe de bordo que há carga viva no porão do avião, pois assim pode-se ter mais segurança de que não vão se esquecer de fazer a pressurização da área de contenção, para que o animal não sinta demais os efeitos da viagem.

Já para viagens de carro ou ônibus, é preciso um cuidado a mais. É necessário sedar o animal 30 minutos antes da viagem, já que eles tendem a ficar muito estressados dentro de veículos automotores. O animal não fica desacordado, apenas mais calmo e, geralmente, sonolento. O sedativo é aplicado pelo próprio dono, antes da viagem, e deve ser prescrito pelo médico veterinário.

Nos ônibus, os animais devem ocupar o chão na frente de um dos assentos do carro, dentro da caixa apropriada para o transporte. A passagem normalmente custa a metade do preço de uma passagem normal. Informe-se sobre a possibilidade na rodoviária de sua cidade ou diretamente com a companhia, no momento da compra da passagem.

Ufa, quanto trabalho! Mas se você não quer se preocupar com todas essas questões, hoje já existem agências de viagem especializadas em ajudar os donos a aproveitar as viagens com o seu animalzinho. Elas oferecem todo tipo de ajuda, desde a hospedagem até os trâmites legais. “Oferecemos também o trabalho de nosso veterinário para dar todo o suporte necessário para uma viagem sem problemas”, explica Igleide Almeida, empresária do setor.



Se você acha que vai dar muito trabalho viajar com seu animal de estimação, considera que a viagem seja muito sacrificante para ele, ou até mesmo planeja ir para um local onde os animais não são aceitos com facilidade, a melhor opção é a hospedagem pet.

A hospedagem pet funciona no esquema de diárias, assim como na hospedagem humana. Quando você tem o interesse de hospedar o seu animalzinho, deve, antes de tudo, pesquisar o lugar onde irá deixá-lo. Isso porque vários lugares podem oferecer hospedagem inadequada para o seu tipo de animal. Não dá para hospedar um animal silvestre no mesmo ambiente que um cachorro e colocar cães e gatos juntos pode ser motivo de briga. Então vale a pena gastar um pouco de tempo procurando um local que possa receber da melhor maneira possível o seu tipo de animal, para não se frustrar depois.



Monika Wisniewska | Dreamstime.com

É fundamental conhecer previamente o local onde pretende hospedar o seu animalzinho. Visitar o espaço, conhecer a rotina do hotel, os tratadores e saber se há espaço para o animal se exercitar são questões fundamentais para se certificar de que o seu bichinho vai se sentir bem quando for deixado lá. Alguns hotéis oferecem serviço de recreação e até mesmo spa para animais acima do peso. Se o hotel não permitir a visitação, desconfie: pode não ser um bom local para deixar o seu animal.

Um ponto a se observar ao visitar um hotel para animais é o asseio do espaço. Se há limpeza constante e funcionários cuidando da lavagem dos locais onde os animais dormem, é uma primeira garantia de bom tratamento. Existem relatos de empresas que oferecem hospedagem e, na verdade, acabam juntando os animais em qualquer lugar, sem as menores condições de higiene ou manutenção.

Outra questão fundamental na hospedagem é saber se o espaço é seguro e se há possibilidade de que seu animal tente uma ousada fuga. “É bom observar se o hotel tem uma boa estrutura de segurança ou se será fácil para o cão, que sente muita falta de seus donos, escapar”, explica Délio Ferreira Mendes, criador e dono de um hotel para cães.

Uma boa dica é conversar, durante a visita, com o dono do estabelecimento, para saber se não é mais um aventureiro que está na área de criação animal por ser um ramo rentável e em ascensão. “Saber se o seu cachorro será tratado com carinho, por pessoas que gostam desse trabalho é muito importante”, afirma Délio.

Para serem hospedados, é necessário seguir algumas regras. No caso dos cães, é impreterível que vacinação e vermifugação estejam em dia. Outra exigência é o uso de uma coleira anti-pulga. Isso tudo é necessário para que o contato com o ambiente e outros animais seja tranqüilo e não ocorra transmissão de doenças ou parasitas.

Alguns hotéis apostam nos diferenciais para conquistar seus clientes. Com a hospedagem monitorada por câmeras, por exemplo, é possível que o dono observe seu animalzinho à distância e fique tranqüilo quanto à qualidade de sua estada. “A maioria dos donos reclama que hospedam seus animais em hotéis e, quando vão buscá-los, os animais estão deprimidos ou maltratados. Com o monitoramento de câmeras ao vivo pela internet, acabamos com isso”, conta Adriano dos Anjos, dono de um hotel que conta com o sistema.

Há locais de hospedagem que se preocupam até mesmo em pedir para que o dono leve objetos do próprio animal, como uma almofada ou seu brinquedo predileto, para que a ambientação seja criada mais rapidamente e o bichinho se sinta em casa.

Se mesmo assim você ainda não se convenceu sobre os benefícios da hospedagem e pretende deixar o seu amiguinho com aquela tia solteirona, é bom pensar duas vezes. Em um bom hotel, há profissionais com conhecimento clínico e psicológico sobre os animais e que saberão cuidar dele da maneira correta no momento em que a natural queda de imunidade acontecer.

Seja levando seu bichinho com você ou deixando-o hospedado com todo o conforto a que tem direito, o importante é utilizar a melhor opção para o seu estilo de vida e curtir as férias – as suas e as do seu animalzinho.



**HOTEL KENNEL**



**BSB COCKERS**

O primeiro hotel kennel no DF a oferecer este serviço para seus clientes.

Viaje tranqüilo, vindo, pela internet, que seu melhor amigo está sendo cuidado com muito amor e carinho.



## GUIA PRÁTICO DE VIAGEM PARA PROPRIETÁRIOS DE GATOS



Se pudessem escolher, os gatos certamente prefeririam ficar na segurança e conforto de suas casas e buscar aventuras apenas no jardim da vizinha ou no parapeito da janela. Mas você e sua família merecem férias!

Temos então que tomar uma decisão importante. Quais são as opções para nosso amigo felino durante as férias da família?

A primeira opção é levá-lo junto com você. Caso a viagem seja de carro, isso é mais fácil, mas várias recomendações devem ser seguidas. Para começar, o gato deve viajar apenas dentro de sua caixa de transporte, pois por mais tranqüilo que ele seja, os gatos tendem a se desesperar um pouco com o confinamento e o barulho de um carro em movimento. Um gato apavorado dentro de um carro em alta velocidade representa um grande risco de acidente. A caixa deve ser espaçosa o suficiente para que ele seja capaz de se virar dentro dela e dormir confortavelmente durante toda a jornada. Se a viagem for longa e você planeja fazer paradas para abastecimentos pessoais e do carro, aproveite esse tempo para oferecer água e comida para o gato, podendo tirá-lo da caixa quando o carro estiver parado, mas ainda fechado.

Os gatos mais “descolados” e experientes vão apreciar também que uma caixinha de areia (isto é, banheiro) seja disponibilizada de tempos em tempos e não farão nenhuma “bagunça” dentro da caixa de transporte. Para os mais estressados, será necessário manter toalhas no fundo da caixa e trocá-las quando estiverem sujas. Certifique-se que o lugar pa-

ra onde você vai tem acomodações para seu gato e sempre pergunte para seus parentes antes se não tem problema levar o gato para ficar hospedado junto com sua família. Se for ficar em hotéis, ligue antes para saber se é permitida a presença de gatos.

Alguns gatos passam mal durante viagens, vomitando ou ficando muito enjoados ou muito agitados. Caso esse seja o caso, peça ao seu veterinário que recomende um medicamento para esses problemas. Nunca medique seu gato por conta própria.

Caso seja inviável levar o gato com você, providencie que ele seja bem cuidado. Uma opção é deixá-lo em casa e pedir alguém de sua confiança para ir diariamente vê-lo, alimentá-lo e amenizar um pouco a sua solidão. Certifique-se que escolheu a pessoa certa, que não tem medo do gato, que seja capaz de identificar alterações em seu estado físico e emocional e que tenha a possibilidade de levá-lo ao veterinário numa eventualidade de doença.

Outra opção é deixá-lo hospedado na casa de alguém ou num hotel para animais. Visite o lugar antes, peça para ver onde ele vai ficar, se é seguro, se é limpo, se vai ficar com outros animais, como serão os cuidados. Lembre-se: só porque você entrou de férias não quer dizer que seu gato deve ser condenado à solitária. Todo amor é acompanhado de responsabilidades...

---

### **Christine Souza Martins**

*M.V. Mestre em Medicina Veterinária  
Professora da Universidade de Brasília*





ADESTRAMENTO

HOSPEDAGEM

CANIL DOM DELIU'S

FILHOTES (diversas raças)





(61) 3461-4333 / 9265-3333

[www.canildomdelius.com.br](http://www.canildomdelius.com.br)

# À vontade... ...ou em porções?

**Leandro Zaine**

*M.V. Mestrando em Clínica Médica Veterinária  
Nutrição de Cães e Gatos  
FCAV – UNESP Jaboticabal*



Quando se pensa em alimentar animais de estimação, uma dúvida sempre vem à cabeça: a ração deve ficar à vontade na vasilha ou o animal deve ser condicionado a ter um horário fixo de alimentação?

Como freqüentemente se diz, para uma ciência biológica não existem verdades absolutas, deve-se sempre considerar que existem as variações individuais entre os animais. Mas, de qualquer forma, alguns conceitos prevalecem para a maioria. O conhecimento de como os ancestrais dos cães e dos gatos caçavam e consumiam o alimento permite entender o comportamento alimentar desses animais de companhia.

O cão tem como parente selvagem o lobo, que obtém seu alimento caçando em grupos, matando a presa e ingerindo grandes quantidades de uma vez e depois ficando grandes períodos sem comer. O excedente de comida é enterrado

para posterior ingestão (comportamento semelhante aos cães domésticos que enterram ossos no quintal).

Já os gatos domésticos descendem do gato selvagem africano (*Felis libyca*) e não dos grandes felinos selvagens, como se pensa. O comportamento desses ancestrais era de caçar pequenos roedores e comer lentamente ao longo do dia. Isso explica o fato de os gatos atuais realizarem de 9 a 16 pequenas refeições diárias.

Conhecendo os comportamentos dos ancestrais, tanto dos cães quanto dos gatos, sugere-se que os cães comam grandes refeições, algumas vezes ao dia, e, ao contrário, os gatos, pequenas refeições, várias vezes ao dia.

Existem, basicamente, dois métodos principais de se alimentar um animal de companhia: por consumo livre, ou em quantidade controlada. A escolha do método empregado deve ser realizada con-





siderando os maiores benefícios para a situação em questão.

No **método de consumo livre** (ração à vontade), a comida fica à disposição do animal o dia todo, pressupondo-se que ele próprio consiga regular a quantidade ingerida, de forma que essa seja suficiente para atingir as necessidades diárias de nutrientes e energia. Nesse caso, é mais indicado o uso de ração seca, por ter uma maior duração na vasilha, em relação ao alimento úmido (em lata).

Essa auto-regulação do consumo pode ser considerada muito prática, já que simplesmente mantendo a vasilha com



ração, o animal vai comendo várias vezes no dia. No entanto, existem alguns problemas decorrentes disso. Como muitas rações são bastante palatáveis ("gostosas"), o consumo pode ser exagerado, resultando numa grande ingestão de calorias que pode favorecer a ocorrência de obesidade (em filhotes de cães, o crescimento acelerado por consumo excessivo de calorias pode levar a deformidades ósseas). Outro problema é referente à permanência do alimento na vasilha (a embalagem da ração protege contra a deterioração), que pode estragar mais facilmente por oxidação da gordura e contato com insetos.

O **método por quantidade controlada** (em porções) é o mais usado para



## QUALIDADE QUE TODO MUNDO VÊ



<p>Prebióticos, Probióticos e Fibras Vegetais</p> <p>Facilita a digestão e a absorção</p>	<p>Ômega 3 &amp; Ômega 6</p> <p>Pele mais saudável e brilhante</p>	<p>24% e 30% de Proteína Bruta</p> <p>Mais digestibilidade e menor volume de fezes</p>	<p>Proteína Hidrolisada</p> <p>Mais palatabilidade</p>
---	--	--	--

ALIMENTO PREMIUM  
**ZUPPY**

cães. O mais comum e recomendado é que a quantidade total de ração seja dividida em duas ou mais refeições diárias, em horários fixos. Assim, para condicionar o animal ao consumo nesses horários, recomenda-se deixar o alimento cerca de quinze minutos na vasilha e oferecer novamente somente no próximo horário de alimentação.

Por este modo de alimentação, é possível controlar a quantidade de ração ingerida, assegurando-se que o animal es-

tá comendo o suficiente para atingir as necessidades nutricionais. Uma desvantagem que pode ser pensada é o tempo requerido para se oferecer e controlar a ingestão do alimento.

De modo geral, o recomendado pelos médicos veterinários é que se dê grande preferência ao esquema de alimentação que mais se assemelhe ao comportamento da espécie: consumo livre para gatos e porção controlada para cães. É claro que existem algumas ressalvas, cães que comem durante o dia todo, e gatos que comem em refeições concentradas. Se, nesses casos, as desvantagens já citadas não se manifestarem como problemas importantes, tais métodos podem ser aceitos.

Consumo livre para gatos e porção controlada para cães?

Lukasz Fuz / Dreamstime.com





# Leishmaniose Visceral

**Denise Salgado**

M.V. Especialista em Patologia Clínica Veterinária

A leishmaniose visceral é uma doença endêmica em várias regiões do Brasil, tendo como agente causador a *Leishmania donovani chagasi*. Este protozário é transmitido pelo mosquito *Lutzomyia longipalpis* que causa doença envolvendo pele e órgãos internos (sistema mononuclear fagocitário, linfonodo, baço, medula óssea, fígado, glândula pituitária, glândula adrenal, rins, pâncreas, ovários, testículos, cérebro, cerebelo, globo ocular, pulmões, bexiga e sangue).

Vários fatores influenciam para a dificuldade da determinação do diagnóstico – que varia desde um único exame parasitológico positivo definitivo até variados exames sorológicos e PCR controversos.



Jean-François Dupuis | Dreamstime.com

Os fatores que influenciam na dificuldade do diagnóstico são a intensidade da resposta do sistema imunológico individual de cada animal, carga parasitária e a presença de doenças concomitantes ou decorrentes da leishmaniose visceral no hospedeiro. Por estes motivos, os animais soropositivos devem ser investigados incansavelmente caso não tenha sido observado o parasita. Cada animal deve ser analisado quanto a sua resposta imunológica (exames sorológicos), quanto à carga parasitária (exame parasitológico de órgãos e/ou pele) e quanto à função de órgãos vitais (fígado e rins) a fim de realização de diagnóstico diferencial. O diagnóstico laboratorial da leishmaniose é de extrema importância, pois somente com diagnóstico definitivo o clínico veterinário pode orientar o proprietário quanto ao prognóstico.

O **diagnóstico sorológico** detecta anticorpo produzido pelo sistema defensivo do animal frente a um agente. Uma boa resposta de defesa produz anticorpos, que associados a outros tipos de defesa, derrotam o agente eliminando-o (auto-cura). Este mesmo animal permanece com os anticorpos durante um determinado tempo, reagindo positivamente a qualquer exame sorológico durante um período, porém sem a presença do agente, ou seja, cão soropositivo assintomático. Em contrapartida, ele pode ser soropositivo porque não houve uma interação entre o sistema de defesa, deixan-

do ocorrer a multiplicação do agente e a presença de doença clínica aparente ou não. O diagnóstico soronegativo também é controverso, pois o sistema imunológico requer um período de tempo (até 4 meses) para produzir anticorpos. Sendo assim, o animal infectado não tem quantidade de anticorpos detectável, resultando em reação negativa. Isto ocorre também em animais imunodeprimidos, por variados motivos. Existem no mercado vários tipos de exames sorológicos, alguns mais eficazes (alta especificidade e sensibilidade), outros menos eficazes (baixa especificidade – reação cruzada com outras doenças). Conclui-se então que exames sorológicos são ótimos para triagem e não suportam um diagnóstico definitivo.

O **exame parasitológico** é o mais utilizado e mais importante na prática da clínica veterinária, pois é o único que pode ser definitivo. A coleta é rápida e não

traumática. É indicada para visualização de formas amastigotas do parasita em diversos tecidos (lesão ulcerada ou nódulos de pele, medula óssea, linfonodo). A visualização do parasita está na dependência da carga parasitária do hospedeiro e, por este motivo, a sensibilidade do teste é de aproximadamente 60% para medula óssea e 30% para linfonodo, levando ao resultado negativo como não definitivo. Por outro lado a visualização do parasita é diagnóstico definitivo, exceto na pele e mucosas, onde há a necessidade de diagnóstico diferencial com leishmaniose cutânea.

O **exame pelo método PCR** (Reação em Cadeia da Polimerase – identificação do parasita pelo DNA) apresenta alta sensibilidade e especificidade na medula óssea e deve ser realizado somente se forem utilizados DNA de cinetoplastos de *Leishmania* da região investigada para evitar resultados errôneos.

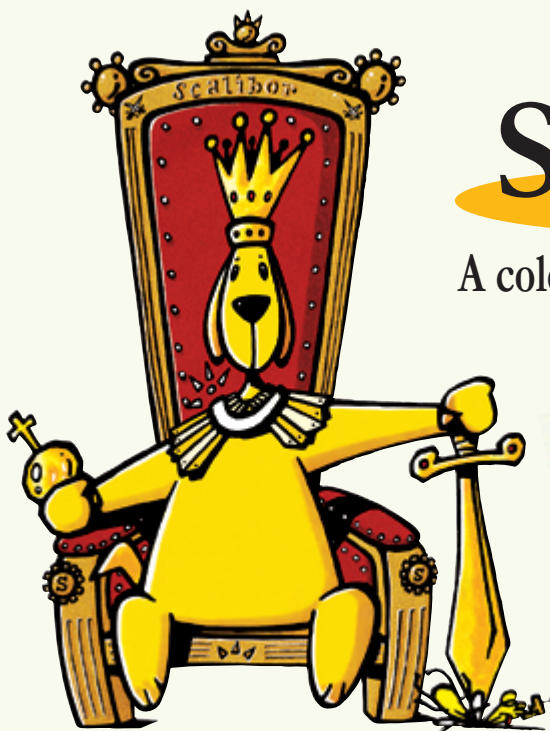


hemograma completo . bioquímico sangüíneo  
leishmaniose: cultura, sorologia (DAT) e parasitológico  
urinálise . exames de fezes . raspado de pele  
citologia aspirativa por ultra-som . entre outros

Dra. Denise Salgado

# Proteja-se!

A Leishmaniose pode matar você e seu cão.



**Scalibor<sup>®</sup>**

A coleira que protege vidas.



A orientação do médico veterinário é fundamental para o correto uso do medicamento.

 **Intervet**  
Schering-Plough Animal Health

**Intervet do Brasil Veterinária Ltda.**  
Av. Sir Henry Wellcome, 335  
Prédio Administrativo - 1º andar - Ala E  
Moinho Velho  
CEP 06714-050 - Cotia - SP  
**Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC)**

**0800-7070512**

HORÁRIO COMERCIAL  
8h00 às 17h00 (2ª a 5ª)  
8h00 às 16h00 (6ª)

[www.intervet.com.br](http://www.intervet.com.br)

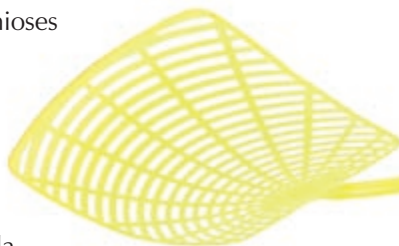
# O vetor

**Vera Lucia Fonseca de Camargo-Neves**

Pesquisadora do Centro de Vigilância Epidemiológica  
Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo

Os vetores das leishmanioses são insetos denominados flebotomíneos, também conhecidos como cangalhinha, cangalhinha, mosquito-palha, birigüi, tatuira, entre outros. Cerca de 30 espécies são vetoras da leishmaniose visceral no mundo. A transmissão do agente etiológico (*Leishmania chagasi*) da leishmaniose visceral americana (LVA) tem na *Lutzomyia longipalpis* seu principal vetor de importância epidemiológica no Brasil.

Pequenos, muito pilosos e de coloração clara (cor de palha ou castanho-claros), são facilmente reconhecidos pela atitude ao pousar: as asas ficam erectas e entreabertas. O ciclo biológico se processa no ambiente terrestre e passa por quatro fases: ovo, 4 estádios larval, pupa e adulto. Desenvolvem-se em locais



úmidos, sombreados e ricos em matéria orgânica. Somente as fêmeas são hematófagas obrigatórias, pois necessitam de sangue para o desenvolvimento dos ovos.

Estes insetos tendem a não se afastar muito de seus criadouros ou locais de repouso (anexos peridomiciliares, principalmente abrigos de animais domésticos). É neste ambiente que se encontram em maior densidade, especialmente em galinheiros, que oferecem matéria orgânica ideal para o desenvolvimento das larvas. O cão é considerado a mais importante fonte alimentar para as fêmeas de *L. Longipalpis*. No entanto, este flebotomíneo também procura seres humanos, em maior ou menor grau, dependendo das outras fontes alimentares presentes, assumindo seu papel de vetor.

O controle do inseto é pouco eficiente e não há medidas simples, de baixo custo e 100% eficazes.

Algumas medidas de proteção individual podem ser indicadas. O uso de telas



em janelas e portas reduz o risco de picadas em casa e, conseqüentemente, de infecção; porém, parte considerável da exposição se dá ao ar livre. Mosquiteiros impregnados com piretróides podem ser utilizados, ainda que sua eficiência não tenha sido tão bem demonstrada. Repelentes de insetos também podem ajudar, mas a aplicação continuada é desencorajada, já que pode gerar efeitos colaterais (especialmente dermatites de contato).

Em programas de saúde pública, preconiza-se a redução da densidade vetorial, por meio da limpeza de áreas que representem risco para manutenção ou criação de *L. longipalpis*, removendo resíduos sólidos, particularmente os de natureza orgânica (em especial, dejetos de animais domésticos utilizados como adubo e matéria orgânica vegetal); e o aumento da ensolação no solo, de modo a prejudicar o ciclo biológico das formas imaturas. Medidas de controle químico, como aplicação de inseticidas de ação residual, vêm-se mostrando eficazes na

---

“Estes insetos tendem a não se afastar muito de seus criadouros ou locais de repouso, por exemplo, abrigos de animais domésticos.”

---

redução da densidade do flebotomíneos, porém seu efeito é apenas imediato (daí a recomendação para que seja somada ao manejo ambiental, produzindo resultados mais duradouros) além de apresentar dificuldades operacionais e custo elevado. Por fim, a eliminação de fontes de infecção para o vetor tem um papel importante no controle da doença, pois reduz a força de infecção entre os animais e, conseqüentemente, a incidência da doença em humanos. Essa medida implica na retirada do reservatório doméstico (cão) e vem sendo adotada pelos órgãos de saúde.



## Por que tratar?

**André Luis Soares da Fonseca**

*M.V. Mestre em Imunologia  
Professor Adjunto da UFMS*

Sinteticamente, as razões que fundamentam o tratamento da leishmaniose visceral canina (LVC) são consistentes e de várias ordens, quais sejam: 1) técnica; 2) ética; e 3) jurídica.

**Ordem técnica:** o tratamento da LVC leva à cura clínica da doença, podendo a sorologia continuar positiva, o que apenas indica um prévio contato com o parasita, como acontece em outras doenças por protozoários, como na toxoplasmose e na doença de Chagas. Há um amplo arsenal de medicamentos que podem ser utilizados e o preço do tratamento, dependendo das drogas, é bem acessível. O receio de resistência medicamentosa é inerente no tratamento de qualquer doença infecciosa e não se justifica. O combate à LVC reside no controle do vetor. Se na dengue o controle do vetor é suficiente, por que para a LVC não é?

**Ordem ética:** os animais merecem o respeito e o amor dos seus proprietários, que podem e devem utilizar os medicamentos disponíveis para tratar estes que, muitas vezes, são os únicos companheiros e amigos.

**Ordem jurídica:** o proprietário tem direito a tratar do seu animal, como tem de defender a sua propriedade (direito constitucional), pois o cão é tido muitas vezes como um membro da família, portanto, um bem jurídico especial.

## Por que não tratar?

**Waneska Alexandra Alves**

*M.V. Mestre em Epidemiologia e Saúde Pública  
Consultora Técnica do Ministério da Saúde*

O controle da leishmaniose visceral (LV) no país é desafiador, especialmente em áreas urbanas, pois o ciclo de transmissão é estabelecido pela presença do agente etiológico, vetor, hospedeiro humano e reservatório doméstico (cão) – este último uma excelente fonte de infecção para o vetor, pois possui grande concentração dermatológica de parasitas.

O tratamento da LV canina (LVC) é polêmico por não haver evidências científicas consistentes quanto a sua eficácia como medida de controle e quanto à cura clínica ou parasitológica. Considerando que não há no Brasil estudos mostrando que o cão tratado deixe de ser fonte de infecção para o vetor; que a informação do tratamento como medida potencial para o controle da LV é proveniente do Velho Mundo; que o tratamento pode levar a população a fundamentar-se em idéias equivocadas de que o cão deixa de ser risco para o meio ambiente; e que no Brasil as evidências científicas não asseguram que o tratamento elimine ou reduza o risco para a saúde humana; conclui-se que, do ponto de vista da saúde pública, o tratamento da LVC não deve ser indicado, uma vez que carece de estudos sob todos os aspectos da fisiopatogenia canina, protocolos, métodos diagnósticos e avaliação da magnitude do risco para a saúde humana.

# Programa Nacional de Controle da Leishmaniose Visceral (PNCLV)

**Péricles Norimitsu Teixeira Massunaga**

*M.V. da Diretoria de Vigilância Ambiental*

*Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal*

O Ministério da Saúde elaborou um programa de ações que enfocam, basicamente, o reservatório urbano (cão) e o vetor (inseto), quais sejam:

- Capacitar pessoal para diagnosticar e tratar precocemente os pacientes a fim de reduzir o número de morte;
- Realizar coleta de sangue e diagnóstico em cães nas áreas de transmissão e proceder à eutanásia dos animais infectados visando à redução dos animais que têm capacidade de transmitir a leishmânia para o vetor;
- Ações sobre o ambiente dificultando a reprodução dos vetores.

Sobre os reservatórios urbanos, os cães que estejam positivos nos exames realizados pelo Serviço Público devem ser submetidos à eutanásia. No Distrito Federal, proprietários de animais positivos, em testes realizados na Vigilância Ambiental, podem solicitar outros exames mediante clínicas veterinárias.

Recomenda-se um teste parasitológico (punção de medula óssea ou linfonodo) e um molecular (PCR). Se um desses testes for positivo, o animal será considerado infectado. No caso dos dois testes negativos, por consequência, o animal será considerado negativo. É importante que todos os animais, sejam primei-

ramente testados nos exames realizados pela Vigilância Ambiental.

Sobre os vetores, as ações de prevenção e controle são extremamente importantes e devem ser adotadas por todos os cidadãos, criadores ou não de animais. A pulverização de inseticida no ambiente não controla o inseto transmissor.

A Vigilância Ambiental encarrega-se de distribuição de um comunicado com todas as ações de prevenção e controle que podem ser realizadas pelo cidadão. Nas áreas de transmissão, os moradores que permitem a entrada, em seus domicílios, do Agente de Vigilância Ambiental recebem orientações após avaliação ambiental da área externa da residência.

Essas ações aparentemente simples são extremamente complexas para o efetivo desenvolvimento. Com a finalidade de alcançar os objetivos do programa, todas as atividades devem ser realizadas de forma integrada. Não é possível controlar a leishmaniose apenas procedendo à eutanásia dos cães, como também, não é possível erradicar os vetores desenvolvendo ações isoladas.

---

## Mais informações

Visite o site do Ministério da Saúde:  
[www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)

# Parto distócico em cadelas

**Mário Sérgio Almeida Falcão**

*M.V. Mestrando em Saúde Animal pela Universidade de Brasília  
Professor de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais na Faculdade da Terra de Brasília*

Prezados leitores, a distocia em cadelas é definida como a dificuldade do nascimento fetal, sendo uma afecção freqüente em cães. Para melhor entendermos sobre a distocia e os possíveis tratamentos, faz-se necessário também o entendimento do parto eutócico, ou seja, o parto normal e os eventos que o antecedem.

O tempo gestacional de uma cadela é em torno de 58 a 62 dias, podendo variar de 58 a 72 dias, de acordo com a data da cruza ou monta e o real momento da fecundação do óvulo. Entretanto, períodos gestacionais superiores a 68 dias devem ser investigados.

Várias alterações fisiológicas hormonais ocorrem no útero gestante até o momento exato do parto. Entre esses hormônios, destacam-se a ocitocina, importante para a contratilidade uterina; a relaxina, que proporciona o relaxamento dos músculos pélvicos e abdominais, facilitando a passagem do filhote pelo canal do parto; o cortisol e a prolactina, cujo aumento parece estar relacionado com os fatores desencadeantes do parto.

O parto normal pode ser dividido em três estágios, chamados de trabalho de parto, que podem nos ajudar na identificação de um possível parto distócico:

**Estágio I** A cadela apresenta inquietação, comportamento de aninhamento (formação de ninho), decréscimo da temperatura corporal (em torno de 1°C) e secreção vaginal mucosa. Esses sinais se iniciam freqüentemente entre 24 a 48 horas antes do parto e são seus sinais precursores.





**Estágio II** É a fase ativa do parto, em que a “bolsa d’água” se rompe. A cadela apresenta contração abdominal. O intervalo entre a ruptura e o parto do feto varia de 20 a 60 minutos. O parto de toda ninhada é de 6 horas, podendo se estender até 24 horas. O intervalo entre os filhotes pode chegar de 2 a 3 horas sem complicações evidentes.

**Estágio III** Envolve a expulsão das membranas fetais e da placenta.

A cadela em trabalho de parto deve ser deixada em local limpo e calmo, onde ela possa se sentir segura, sem estímulos externos, o que facilitará o parto, principalmente em “mães de primeira viagem”.

O entendimento sobre o parto normal nos leva a observar que fatores distintos aos mencionados anteriormente indicam um possível parto anormal ou distócico.

A distocia deve ser diferenciada quanto a sua origem em fetal ou materna, sendo este o primeiro passo para a escolha do tratamento adequado. As causas maternas são diversas, sendo a fraqueza uterina e a dilatação pélvica insuficiente causas comuns que podem levar a fadiga uterina.

A inércia uterina pode ser primária ou secundária, sendo a primária freqüente em cadelas de focinho curto – cães chamados braquiocefálicos (ex.: pug, bulldog, shih tzu, Ihasa apso etc.) – ou seja, as gestações nessas cadelas precisam de atenção especial e pré-natal. As causas fetais incluem fetos grandes, mal posicionados ou morte fetal.

Você deve estar se perguntando: como saber se a minha cadela precisa de ajuda no momento do parto? Alguns sinais podem ser observados e indicam a necessidade de avaliação por um médico veterinário. São eles:

Clinica Cirúrgica, Oftalmologia,  
Oncologia, Ortopedia  
e Neurocirurgia

Nosso corpo clínico  
altamente qualificado tem  
compromisso com a atualização  
contínua e preza a ética na conduta  
terapêutica e no reencaminhamento dos pacientes.

  
Núcleo de Especialidades Veterinárias

(61) 3202-3334

SCLN 105 bloco A loja 48

Atendimento somente  
com hora marcada.

- Frequência reduzida ou ausência de contrações uterinas por mais de 2 horas após o nascimento de um feto;
- Presença do feto ou estrutura fetal por mais de 15 minutos no canal vaginal; e
- Alterações clínicas da fêmea intercorrentes.

### Quando optar pelo tratamento clínico à cesariana?

A avaliação clínica do médico veterinário determinará a causa da distocia e a conduta que deve ser realizada, sendo a palpação abdominal e vaginal, a radiografia abdominal e a ultra-sonografia de grande valia para o diagnóstico. O tratamento conservador é preferível ao tratamento cirúrgico quando houver indicação.

Alguns fármacos amplamente difundidos, como a ocitocina e o gluconato de cálcio, devem ser administrados de forma criteriosa, de acordo com cada caso, sob supervisão e indicação do médico veterinário, e só deverão ser utilizados quando não há obstrução de canal pélvico, fetos mal posicionados ou grandes ou ainda em casos de atonia uterina, pois podem levar a ruptura uterina e suas possíveis complicações.

A atonia uterina pode ser avaliada mediante a palpação do assoalho vaginal (reflexo de Ferguson), quando o mesmo deve apresentar contração após a palpação. A ausência de contrações pode indicar atonia uterina.

Fetos mal posicionados podem ser corrigidos mediante manobras obstétricas e/ou realização de episiotomia (incisão cutânea para alargamento da fenda vulvar). A presença de fetos grandes ou mortos é indicação para a cesariana.

O tratamento médico, quando indicado, deve ser realizado com critério e tentado por duas a três vezes. A falha no tratamento clínico indica a cesariana, para evitar possíveis complicações, como a ruptura uterina e/ou morte fetal.

A avaliação e acompanhamento pré-natal devem ser realizados com o médico veterinário, desde o momento da cruzada até o momento do parto, para que ele oriente o proprietário quanto à alimentação adequada para cadela gestante, exames de acompanhamento de desenvolvimento fetal e quanto ao número de filhotes, podendo anteceder a fatores que coloquem em risco a cadela e seus filhotes.

“A prevenção é o melhor remédio.”

## Vale lembrar

- Cadelas que apresentam parto distócico devem ser retiradas da reprodução.
- O tratamento com ocitocina ou qualquer outro medicamento deve ser realizado com critério e cuidado e sempre sob orientação e supervisão do médico veterinário.
- A avaliação pré-natal, seja ela radiográfica (com 45 dias de gestação) ou através de ultra-sonografia, são de grande valia e devem ser realizadas.
- Idade avançada, obesidade, raças toy e braquiocefálicas podem ser fatores de risco para distocia em cadelas.

**Canil TABIRA**

**Dachshund  
Labrador Retriever  
Poodle - Chow Chow**

(61) 3273-0653/8483-7079  
tia@canilitabira.com.br  
www.canilitabira.com.br

**Canil YARUZO**

Especializado em Akita Inu,  
criando amigos e campeões.  
Brasília, DF

(61) 8117-3445 / 8182-5256

www.canilyaruzo.com

**Triaccan Kennel**

Especializados em Setters (Inglês,  
Irlandês e Gordon) e Springer  
Spaniel Inglês.

(61) 9968 4702 / 8168 1176

www.triaccankennel.blogspot.com  
www.triaccanspringerspaniel.blogspot.com

Setters and Springers

**CANIL SOLAR DE BRASÍLIA**

Criação selecionada de maltês, pug,  
shih tzu e yorkshire. Reserva e venda  
de filhotes. Contatos: (61) 3339.3374  
e 8459.3034 / waleriams@uol.com.br

**CANIL STELA TERRA MARIS**

Chihuahua, Lhasa Apso e Shih Tzu.

(61) 3382-4405/8409-8539.  
taisa.ladeira@yahoo.com.br

**Canil MUGMIG**

Criação selecionada de Yorkshire Terrier e Chihuahua

Lúcia Rogéria - Zootecnista  
Gurupi - TO - Brasil - (63) 9984-1001  
lucia@mugmig.com.br  
www.mugmig.com.br

ROYAL CANIN

**Canil Von Schummy**

Criação Selecionada - Controle de Displasia  
Ninhadas Disponíveis

www.canilvonschummy.com  
(61) 3401-1545 / 9558-9039

**SUPER LIGA CANINA**

PET SHOP

**ZUPPY BOMGUY**

BANHO E TOSA - CONSULTÓRIO VETERINÁRIO - VACINAS - TAXI-DOG  
RAÇÕES - ACESSÓRIOS E MEDICAMENTOS

Rua 03 - Cx. 010 - Lote 01  
LqB 04 - P. Vicente Pires DF

TEL.: 3397-3618

PET SHOP

**BROTHER DOG**

- Acessórios
- Banho e Tosa
- Rações
- Medicamentos

TELE-ENTREGA: 3366-4782  
QI 19 - LAGO SUL 3366-4822

ZUPPY

**Gato Ki Late**

Consultas • Vacinas Importadas • Cirurgias • Plantão 24 horas

QNA 01 - Lote 06 - Av. Comercial Norte - Taguatinga - DF  
QND 13 - Lote 03 - Av. Comercial Norte - Taguatinga - DF  
3351-8080 / 3352-8080 / 8154-9871  
gato.ki.late@gmail.com.br

**CLÍNICA VETERINÁRIA E PET SHOP**

**ZUPPY BOMGUY**

SMDB CL 12, BL. D - LJ. 06/07  
LAGO SUL - DF

FONE: (61) 3366-1299  
CEL.: (61) 9155-7342

**CLÍNICA VETERINÁRIA  
CÃES & CIA**

**ZUPPY**

QI 11 - Conj. R - Casa 44  
Guará I - Brasília - DF  
CEP: 71020-480

Fone: (61)  
3568-3844



Produtos  
**SAVE DOG**



**Compre já**

A atenção que seu pet merece



### Plataforma Save Dog

Embora saibam nadar muito bem, os cães e gatos encontram sempre sérias dificuldades para sair da água, o que provoca na maioria das vezes o afogamento, causado pela exaustão, devido ao esforço físico na tentativa de se salvar.

Dr. Eduardo de Souza Teixeira

Leve, fácil de montar e não prejudica o visual da piscina

### Cama Plástica Save Dog

Com a Cama Plástica Save Dog os cães não correm o risco de engolirem pedaços de espumas ou tecidos, é muito confortável, fácil de lavar e secar, leve, antiderrapante e atóxica. A grande novidade é que pode ser colocado areia em seu interior, evitando que o animal arraste-a de um lado para outro e os cães mais agitados praticamente perdem o interesse no ato de roer, devido ao formato da cama.



Ideal para filhotes

Aprovado por veterinários e criadores

Produtos desenvolvidos por veterinário

Produto 100% Reciclável



Produto Patenteado

[www.savedog.com.br](http://www.savedog.com.br)

 (19) 3583-6053



Se tem Bomguy Premium,  
eu me sinto em casa



Contém Prebióticos  
e Extrato de Yucca



Perfeito Equilíbrio

Energia

Proteínas

Vitaminas

Ácidos Graxos

Um produto:

**BOMGUY**  
Alimento completo para cães

**BASA**  
BRASILIA ALIMENTOS S/A.